



Contradições narrativas, tradições inventadas: Clube do Povo x Clube de Elite na rivalidade Avaí x Figueirense em Florianópolis-SC¹

Vitor Henrique Tontini Steurer²  

Universidade Federal de Santa Catarina

Alexandre Fernandez Vaz³  

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

O presente trabalho visa, por meio da confrontação entre passado-presente, analisar as origens dos dois principais clubes de Florianópolis, Avaí Futebol Clube e Figueirense Futebol Clube, buscando compreender as caracterizações de “Clube de Elite” e “Clube do Povo”, que lhes foram respectivamente atribuídos. Em seguida, essas generalizações são problematizadas, trazendo reflexões sobre a legitimidade dessas atribuições que, apesar de frequentarem o imaginário, são tradições inventadas, uma vez que ambos os clubes foram construídos ao longo de suas histórias contando com a atuação conjunta de indivíduos advindos de diferentes extratos sociais. Por fim, a intenção do trabalho também é evidenciar o que mudou no que diz respeito ao sentimento de *pertencimento clubístico* dos torcedores em relação a ambos os clubes no decorrer de sua longa história.

Palavras-chave

Avaí. Figueirense. Invenção das tradições. Florianópolis.

1. O trabalho é resultado parcial do Programa de Pesquisas Teoria Crítica, Racionalidades e Educação VI: estudos para a compreensão do tempo presente, financiado pelo CNPq (408324/2023-6, 312749/2021-0, bolsas PIBIC/UFSC/CNPq).

2. Graduando do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina, bolsista do programa PIBIC/UFSC/CNPq e membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (UFSC).

3. Professor titular da Universidade Federal de Santa Catarina, onde atua no EED/CED, PPGE/CED e PPGICH/CFH, e dirige o Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea. É pesquisador CNPq.

Narrative Contradictions, Invented Traditions:

People's Club x Clube of Elits at Avaí x
Figueirense Antagonism in Florianópolis -
Brazil

Abstract: This paper aims, confronting past and present, to analyze the origins of the two main soccer clubs of Florianópolis, Brasil, Avaí Futebol Clube and Figueirense Futebol Clube, trying to understand the characterizations of “Club of Elits” and “Popular Club”, which are respectively attributed to them. Such generalizations are problematized, bringing up reflections on the legitimacy of these attributions that, despite attending the imaginary, are invented traditions, since both clubs were historical built with the joint presence of people from different social extracts. Finally, the intention of the article is also to highlight what has changed regarding to the sense of club belonging of the fans of both clubs throughout their long history.

Keywords: Avaí. Figueirense. Invention of Traditions. Florianópolis.

Contradicciones narrativas, tradiciones

inventadas: Club del pueblo x Club de la elite en
la rivalidad Avaí x Figueirense en Florianópolis -
Brasil

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo, por medio de la confrontación entre el pasado presente, analizar los orígenes de los dos clubes principales de Florianópolis, Brasil, Avaí Futebol Clube y Figueirense Futebol Clube, buscando comprender las caracterizaciones de “Clube de Elite” y “Clube del Pueblo”, que respectivamente se atribuyó a ellos. Luego, dichas generalizaciones son problematizadas, trayéndose reflexiones sobre la legitimidad de estas atribuciones que, a pesar de componer los imaginarios, son tradiciones inventadas, ya que ambos clubes se construyeron a lo largo de sus historias con la presencia conjunta de personas de diferentes extractos sociales. Finalmente, la intención del trabajo también es resaltar lo que ha cambiado con respecto al sentido de pertenencia de los hinchas de los dos clubes a lo largo de su larga historia.

Palabras clave: Avaí. Figueirense. Invención de las tradiciones. Florianópolis.

Introdução

Na cultura futebolística da cidade de Florianópolis, uma narrativa muito comum a respeito do Figueirense Futebol Clube, uma das duas grandes agremiações com sede no município, é a de que ele seria o “clube do povo”, devido às suas origens vinculadas às camadas subalternas oriundas do bairro da Figueira, à Oeste do Centro urbano da capital de Santa Catarina. Tal território “constituía um dos maiores bairros com presença de origem africana da cidade, sendo considerado pelas elites dirigentes um ‘antro da prostituição’ muito frequentado por marinheiros, habitado por pessoas extremamente pobres” (Cardoso; Rascke, 2016, p. 103). A prática do futebol nesse bairro, bem como a fundação do Figueirense, em 1921, como um clube que representaria seus moradores, inverteram a condição do futebol como esporte praticado apenas pelas elites, desenvolvendo um sentimento de pertencimento e representatividade significativos para os habitantes do “território negro da região central da cidade” (Cardoso; Rascke, 2016, p. 102).

Em contrapartida, o outro expoente do esporte bretão no município, o Avaí Futebol Clube, teve construída sua imagem em ligação com as camadas superiores locais. Entre elas, podemos citar a oligarquia Ramos, que há um século é uma das principais forças políticas de Santa Catarina, e a família Comelli, proprietária de importante gru-

po empresarial no estado. A narrativa mais repetida sobre a origem do clube não destoou muito dessa construção, uma vez que o Avaí teria sido fundado por iniciativa de um próspero comerciante, Amadeu Horn, ao supostamente observar alguns meninos da região onde morava, estudantes do Colégio Catarinense (uma instituição formadora das camadas dirigentes de Santa Catarina), jogando em um campo que lhe pertencia.

Horn, contagiado pela envolvente prática, teria então mandado confeccionar uniformes alvi-azuis, as mesmas cores da associação de remo da qual era diretor, o Clube Náutico Riachuelo. Diante disso, o nome “Avaí Foot-Ball Club”, escolhido em homenagem à batalha homônima da Guerra do Paraguai, pode ser entendido também como uma referência ao Clube Náutico Riachuelo (cujo nome também remete ao conflito no Paraguai, embora se trate de uma batalha naval) o que, dessa maneira, conversava com os elitizados praticantes do esporte (Machado, 2011).

No entanto, atribuir essas conotações a agremiações dotadas de grande pluralidade de sujeitos, como é o caso dos clubes de futebol, é de uma generalização que não resiste ao caráter complexo da realidade. Dificilmente um e outro clubes teriam tido como integrantes apenas indivíduos que pertencessem à determinada classe social. No caso do Avaí, por exemplo, esquece-se com frequência a presença de atletas e torcedores oriundos do Maciço do Morro da Cruz que ladeavam o Estádio Adolfo Konder, assim como, mais recentemente, o vínculo do clube com a população da Ressacada e de bairros próximos, o “povo do mangue”. Somado a isso, problematizaremos a atribuição de “clube do povo” ao Figueirense, evidenciando a participação de grandes empresários – como o Orlando Scarpelli, que dá nome ao estádio do clube – vinculados a organizações políticas dirigentes, na construção de sua história.

A problematização será realizada à luz do conceito de invenção das tradições, desenvolvido pelo historiador Eric Hobsbawm, e que aparece em livro organizado por ele e Terence Ranger (2017). Os autores se destacam que situações possivelmente ocorridas no passado foram elevadas ao posto de “tradição”, inventando-se uma relação passado-presente como continuidade e permanência histórica, caracterizando-se tal processo por

um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (...) Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições “inventadas” caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial, (...) são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória (Hobsbawm; Ranger, 2017, p. 8).

Podemos com isso pensar em como o apegar-se a essas narrativas consolidadas na cultura local acaba por apagar histórias e trajetórias de sujeitos oriundos de camadas sociais distantes das elites, mas que foram essenciais para a constituição do Avaí como clube bem sucedido, assim como, no caso do Figueirense, como destaca Felipe Matos (2020a), contribui para a idealização da história do clube, de modo que faça parecer que nunca houve pessoas ou grupos de camadas sociais e políticas superiores – ou mesmo contradições – presentes em décadas de sua constituição.

Um fator crucial que impacta na consolidação das tradições inventadas é a ação da imprensa esportiva, que reforça e retroalimenta essas construções narrativas. Os aspectos geográficos também devem ser considerados na análise da solidificação desses estereótipos, já que o Figueirense tem sua sede na porção continental da cidade, enquanto o Avaí possui os seus aposentos fixos na Ilha (fração insular da cidade), região intensamente disputada pela especulação imobiliária e que possui o custo de moradia aumentado em relação ao continente, o que não ajuda a desinventar o Avaí como clube de elite. É oportuno destacar que os torcedores de ambos os clubes não necessariamente desgostam desses estereótipos, e muitas vezes acabam por reforçá-lo. Analisaremos um pouco desse aspecto no transcórre do artigo. Essa guerra de narrativas, vale ressaltar, é alimentada pela rivalidade que fomenta o cotidiano da cidade, e que contribui para o patrimônio cultural de Florianópolis.

O artigo estará organizado da seguinte maneira: primeiramente, abordaremos aspectos das narrativas comumente aceitas de Figueirense e Avaí, visando compreender onde a invenção das tradições encontra lugar. Doravante, problematizaremos esses estereótipos, apontando suas contradições ao longo da complexa história, já centenária, destes dois clubes florianopolitanos. Por fim, analisaremos não somente as relações de pertencimento dos torcedores para com seu clube de coração, mas também a de pertencimento dos clubes em relação ao bairro onde estão sediados e às pessoas que lá habitam. Em suma, trataremos das permanências e das inconsistências das tradições inventadas no que tange à história recente de ambos os clubes, assim como buscaremos compreender como e por que essas narrativas seguem sendo consolidadas.

1 Sobre as origens

Como mostram muitos autores clássicos e com diferentes abordagens, como Norbert Elias e Eric Dunning (2019), Peter Gay (1995) e o próprio Hobsbawm (1988), o futebol nasce e se desenvolve como prática das elites no sentido da formação dos homens, caracteristicamente no sentido da autocontenção das emoções, da promoção da virilidade e do ethos de classe. Concebido no seio da prosperidade da Grã-Bretanha do

século XIX, este esporte, em sua gênese, seguia a ideologia liberal da elite burguesa, e a sua uniformização visava controlar os excessos e disseminar os ideais de cavalheirismo e honestidade entre os jovens (Silva, 2019, p. 17). A prática do esporte não era difundida entre as camadas mais baixas da sociedade, permanecendo, portanto, restrita às elites, aos *sportsmen*, visto que o amadorismo era fator primordial para quem quisesse desempenhar o ludopédio, numa tentativa de impedir que os operários pudessem praticá-lo.

As narrativas oficiais do futebol no Brasil dizem de sua origem ligada a indivíduos de origem abastada, que iam até a Grã-Bretanha se dedicar aos estudos, por lá tinham seu primeiro contato com o esporte e, ao regressarem ao seu país natal, traziam bolas, chuteiras e livros de regras junto das bagagens, sendo precursores do esporte no país. O mais notório desses estudantes certamente foi Charles Miller, considerado o “pai do futebol” brasileiro, uma vez que foi ele quem arrebanhou os praticantes para que fosse realizado o primeiro *match* oficial de *foot-ball* no país, disputado em 1895 entre o selecionado do São Paulo Athletic Company e o escrete da São Paulo Railway Company. No entanto, há relatos de jogos que muito se assemelhavam ao futebol desde 1878, perdurando por toda a década de 1880 (Franco Jr., 2007). Ainda segundo o historiador,

estabelecer paternidades quase heroicas e datas oficiais não esclarece as relações entre o futebol e a sociedade brasileira. Pelo contrário, suas significações mais profundas residem no processo de apropriação pelos diversos setores sociais que o transformaram num fenômeno de massas (Franco Jr., 2007, p. 62).

Nesse sentido, para além das narrativas tradicionais, o ludopédio já era conhecido em solo nacional antes da chegada de seu patriarca, principalmente nas regiões portuárias, devido ao intenso fluxo de estrangeiros, sobretudo britânicos. Não é à toa que o Sport Club Rio Grande, fundado em 1900, e que ostenta o título honorário de clube em funcionamento mais antigo do Brasil, tenha nascido na região portuária do sul rio-grandense, também com alta influência platina.

Durante a Primeira República, em meio à disseminação do esporte pelo território nacional, ocorre um intenso êxodo rural, protagonizado por negros libertos da escravidão, que foram se amontoando em cortiços insalubres nas áreas centrais e portuárias das cidades, com destaque para o Rio de Janeiro, evidenciando uma série de problemas sociais. É diante desse cenário que o então prefeito Pereira Passos, juntamente do presidente da República à época, Rodrigues Alves, decide por “modernizar” a capital federal, livrando-a da “degeneração racial” através da “ampla abertura de espaços públicos, onde antes existiam ruas estreitas, becos mal iluminados e cortiços infestados de doenças” (Oliveira, 2012, p. 172). O modelo das Reformas Urbanas da capital deveria servir de referencial para as demais cidades brasileiras.

O futebol, dessa forma, era praticado em meio a esses ambientes extremamente desiguais, como uma prática das elites das grandes cidades. No entanto,

times improvisados pelos setores populares, que passavam da curiosidade às fronteiras sociais do futebol começaram a serem transpostas (...) com a formação de mimetismo. Sem equipamentos adequados e jogando com bolas desgastadas e mesmo improvisadas, em terrenos ainda não ocupados pelo processo de urbanização, o futebol dos grupos subalternos tornava-se um modo de representação da existência negada em outros campos sociais (Franco Jr., 2007, p. 62-63).

Esse processo ocorreu de maneira semelhante em Florianópolis que, inspirada nas reformas de Pereira Passos, decide também “modernizar” os seus ambientes urbanos, visando disciplinar os espaços e usos da cidade ao passo da ascensão socioeconômica de uma elite local de comerciantes. Essa modernização ocorreu, entre outros aspectos, com a construção de um novo mercado, aterramentos, dragagens, obras portuárias e reforma do Palácio do Governo (Silva, 2019). Todavia, as pretensões reformistas ficaram restritas a alguns espaços, enquanto as regiões periféricas da cidade permaneceram relegadas ao “atraso”, submetidas à falta de serviços de água e esgoto, ruas sem calçamento e iluminação à querosene (Cardoso; Rascke, 2014).

1.1 Figueirense Foot-ball Club

Nas primeiras décadas do século XX, o território da cidade de Florianópolis ainda era restrito aos limites da Ilha de Santa Catarina e, na borda oeste da cidade, na região central, ficava localizado o bairro da Figueira. Apesar de não consistir num bairro periférico sob o ponto de vista geográfico, foi preterido nas reformas urbanas no município.⁴ Repleto de trapiches, estaleiros, armazéns e boticas, o bairro era um reduto da classe trabalhadora, consistindo numa área

ativa e perigosa, “onde nem mesmo as forças de segurança pareciam estar a salvo”. Tal território constituía um dos maiores bairros com a presença de origem africana da cidade, sendo considerado pelas elites dirigentes um “antro da prostituição”, muito frequentado por marinheiros, habitado por pessoas extremamente pobres (Cardoso; Rascke, 2014, p. 103).

A década de 1920 começa a apresentar delicadas mudanças no que diz respeito à inserção do negro no futebol, uma vez que os clubes passam a aceitar, aos poucos, joga-

4. Somente “no dia 1º de janeiro de 1944, o então Interventor de Santa Catarina, Nereu Ramos, decidiu anexar à Florianópolis o subdistrito do Estreito” (Azevedo, 2024, [s.p.]), localizado na região continental, então pertencente ao município de São José.

dores afrodescendentes em seus plantéis, mesmo ainda sob a égide do amadorismo, que impunha um violento recorte de classe. O cenário avança e culmina com o profissionalismo, nos anos 1930. E são nessas circunstâncias que surge o Figueirense Foot-Ball Club, em 1921, sob a liderança de alguns nomes conhecidos na sociedade florianopolitana, entre eles, o poeta e fundador do Centro Cívico e Recreativo José Boiteux, Trajano Margarida.⁵ Trajano foi responsável pela composição do primeiro hino do clube, publicado seis meses após a sua fundação (*República*, 24 de dezembro de 1921, nº 947, p. 3).

Vale ressaltar que, embora o marco da profissionalização no Brasil seja o ano de 1933, pois dialoga com o período no qual o processo aconteceu no eixo Rio-São Paulo, ele não ocorreu de maneira uniforme no restante do país, sobretudo a região sul do Brasil: “A ideia de manter o futebol amador vai ao encontro da busca em conservar o seu caráter ‘genuíno’, vinculado à formação do *gentleman*, da ‘prática pela prática’, o que conserva o esporte como elitizado e não democrático” (Machado; Invernizzi; Vaz, 2024, p. 10), fazendo prevalecer seu caráter aristocrático. O *ethos* amadorista claramente ainda era pujante no estado, e isso era nítido nas ações protagonizadas pela Federação Catharinense de Desportos (FCD).

O futebol já era conhecido e praticado na cidade, porém, o surgimento do Figueirense, além de ser proeminente na inserção dos negros nos esportes, parece rivalizar com a dinâmica do esporte sob o domínio das elites locais, uma vez que os membros da primeira diretoria, assim como o plantel de jogadores, eram oriundos de um bairro popular. Diante desse cenário, é inegável a origem popular do Figueirense, clube criado por moradores do “malvisto” bairro, cujo nome presta homenagem:

O bairro malvisto, desmerecido pelos olhares higienistas, modernizadores e reformadores, possuía uma agremiação esportiva, até então fato comum às realidades das elites de remo e futebol do país, mas ainda pouco comum para as classes populares, pobres e oriundas da escravidão (Cardoso; Rascke, 2016, p. 110-111).

O clube também possuía a sua sede e local de treinamento, chamado de “pasto de vaca”, nas extremidades do mesmo bairro da Figueira. O cenário passa a mudar após o término da construção da Ponte Hercílio Luz, em 1926: as balsas, antes as responsáveis por fazer a ligação ilha-continente foram desaparecendo, ao mesmo tempo em que um impulso modernizador ganhava força, representado através do rodoviarismo e do avanço urbano, valorizando exponencialmente os territórios nas proximidades da região central da cidade.

5. O Centro Cívico e Recreativo José Boiteux, fundado em 1920, tinha como objetivo a congregação das famílias negras de Florianópolis em prol de proporcionar aos seus associados, majoritariamente “homens de cor”, instruções cívicas e literárias através de atividades recreativas. Entre outros objetivos, o Centro tinha como algumas de suas preocupações a alfabetização e a inclusão dos negros no contexto da pós-abolição em Florianópolis (Borges, 2021).

O bairro da Figueira, nesse sentido, rapidamente perde a sua identidade essencialmente popular, passando a receber saneamento básico e boa infraestrutura, contribuindo para que houvesse melhores condições de vida, ao mesmo tempo em que o custo de vida subia, no reboque do advento da especulação imobiliária na localidade. Devido a isso, os habitantes do bairro tiveram de se realocar em regiões periféricas, nos morros que cercam o centro da cidade, sob condições precárias de habitação (Vieira; Bandeira; Trajano, 2019, p. 20). Portanto, nesse processo, a população original foi desterritorializada, assim como a sede do clube que, em 1945, deixa o “pasto de vaca” e se muda para o bairro do Estreito, na região continental, que havia sido anexada à capital havia um ano.⁶ A mudança tem como destino um terreno doado pelo comerciante Orlando Scarpelli, que também patrocinou a construção do estádio que atualmente leva o seu nome, situado no mesmo local.⁷

1.2 O Avahy Foot-ball Club

Dois anos após a fundação do Figueirense, mas agora na borda noroeste da região central da Ilha de Santa Catarina, então bairro da Pedra Grande (atual Agronômica), um comerciante chamado Amadeu Horn costumava ceder seu terreno para garotos que moravam nas proximidades jogarem futebol. Amadeu era diretor do clube de remo Clube Náutico Riachuelo e contagiado pela alegria daqueles meninos que praticavam o ludopédio, encomendou a confecção de um uniforme nas mesmas cores do clube do qual já era diretor: azul e branco. Esta é a narrativa que perdura sobre a fundação do time.

O remo tinha destaque especial no cotidiano das cidades litorâneas no início do século XX, ressignificando o ato de banhar-se como prática de lazer e desempenhando, portanto, um papel fundamental no “processo civilizador” (Melo, 1999, p. 45). O esporte, neste sentido, consolidou a ascensão dos valores burgueses na “Belle Époque” brasileira, desempenhando um papel importante no interior da construção republicana, em que representava “o desenvolvimento econômico, político e social, diretamente ligado às novas práticas esportivas vindas da Europa e que se inseriram na cultura local como forma de status e culto à beleza”, permanecendo, dessa maneira, restrito às elites (Zanca, 2008, p. 32).

Em Florianópolis, o remo ganhou um caráter ainda mais elitista em relação aos demais centros urbanos brasileiros, devido ao atraso na sua urbanização, o que é evi-

6. Cf. nota 1.

7. O Estádio Orlando Scarpelli foi inaugurado apenas em 1961. Antes disso, Avaí e Figueirense dividiam o mesmo local de jogos, o Estádio Adolfo Konder, localizado próximo à Avenida Beira-mar Norte, na porção insular da cidade, localidade extremamente elitizada. Isso decorre do fato de o Adolfo Konder, até 1974, ter sido o campo da Liga Santa Catarina de Desportos Terrestres (LSCDT), a entidade regulamentadora do futebol no estado.

denciado no estudo de Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni (1960), quando afirmam que o remo se configurava como uma prática restrita às elites brancas da cidade: “(...) Os clubes náuticos, onde se pratica o remo, não contam com negros ou mulatos escuros em seus quadros sociais e esportivos. Eles dizem que os brancos consideram o remo um esporte elegante e de brancos” (p. 218).⁸

Dessa maneira, numa reunião aberta com a comunidade, os uniformes foram entregues e o clube foi batizado como “Avahy Foot-Ball Club”, aludindo, como já destacado, à batalha homônima da Guerra do Paraguai (Machado, 2011, p. 22). Deste modo, tanto os uniformes alvi-azuis, quanto o nome da instituição e o local de sua fundação remetiam ao clube de remo presidido por Horn, conversando diretamente com uma porção mais elitizada e embranquecida da cidade, conforme os apontamentos de Cardoso e Ianni. Se o clube náutico tem seu nome em homenagem a uma batalha naval, o de futebol faria as honras de um conflito terrestre.

Todavia, da íntima ligação com as elites no momento de sua fundação, o Avaí seguiu angariando simpatizantes que habitavam os complexos habitacionais que bordeavam a sua sede, ao ponto de se considerar “um erro rotular o Avahy como um clube formado pela elite: ‘(...), o Avaí nunca esteve atrelado a nenhum grupo social, pois foi fundado por segmentos diversos da sociedade local” (Rosa, 2003, p. 45). Contudo, apesar das inúmeras contradições, a imagem do clube seguiu atrelada às elites da cidade, ao contrário do Figueirense que, devido às suas inquestionáveis origens populares, ficou conhecido como o “clube do povo”.

2 A problematização dos estereótipos

À medida que nos debruçamos sobre a trajetória de ambos os clubes, observamos que as tradições inventadas sobre eles vão perdendo sua radicação, uma vez que indivíduos dos mais diversos segmentos sociais têm a sua história atrelada a uma ou outra das agremiações. Diante disso, podemos citar, primeiramente, o caso

8. O estudo de Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni sobre a população negra de Florianópolis teve sua primeira publicação em 1960. A obra, para além das teses já refutadas de uma “escravidão branda” no Sul do Brasil, apresenta o que hoje são problemas semânticos, refletindo os preconceitos da época. Um desses diz respeito ao uso do termo “mulato”, que teve o sentido pejorativo (a palavra é desdobramento de mulo, termo que designa o resultado estéril do cruzamento de um cavalo com uma jumenta) reconhecido à medida que os estudos raciais foram avançando no país. O termo possui conotação racista, pois quando não é utilizado para diferenciar pessoas negras a partir da gradação de cor da sua pele, sugere uma hipersexualização de mulheres negras. Embora tenhamos a ciência da conotação preconceituosa que o termo alastra, optamos por mantê-lo no texto desde que devidamente explicitado o que ele representa atualmente, pois avaliamos o trabalho de Cardoso e Ianni como importante documento que menciona a ausência da população negra dos clubes de remo nos anos 1950 em Florianópolis. A substituição adequada para o termo seria pardo(a).

do Figueirense, que teve seu percurso inicial “marcado pela presença das camadas populares, seja em sua fundação, em sua torcida ou em seus atletas. (...) Muitos homens de origem africana defenderam a camisa do clube. O esporte transbordou a presença africana na cidade” (Cardoso; Rascke, 2016, p. 114).

No decorrer dos anos, o clube e seus membros sofrem com os processos de modernização e valorização do bairro da Figueira, ocasionando o deslocamento da agremiação até o bairro do Estreito, onde recebeu o apoio financeiro de outro grande empresário da cidade, Orlando Scarpelli, que doou o terreno e patrocinou a construção do estádio que hoje carrega o seu nome. Apesar da mudança desvincular a sede da instituição do bairro da Figueira, o clube ainda permaneceu ligado às suas raízes populares, uma vez que a nova casa desde sempre se encontra na confluência entre os bairros Vila São João e Coloninha, tornando o diálogo com as populações periféricas quase que obrigatório (Vaz, 2020).

No entanto, à medida que o tempo foi passando e o Figueirense foi ascendendo nacionalmente (foi o primeiro clube catarinense no Campeonato Nacional, em 1975), sua marca também passou por reformulações. Em meados dos anos 1970, uma representação de figueira na cor verde foi incluída no escudo do clube, atribuindo à identidade da instituição a majestosa árvore⁹ da Praça XV de Novembro¹⁰, no centro da cidade de Florianópolis, situada nas proximidades dos limites do antigo bairro da Figueira.¹¹ O ato inventa um vínculo com a cidade de Florianópolis como um todo e, como isso, apaga a origens populares do bairro da Figueira. A teleológica relação do clube com a Praça XV de Novembro é problemática justamente devido ao fato de que até a década de 1960, a região tinha

uma forte demarcação territorial com relação aos seus frequentadores. (...) O *footing* que ocorria na Praça XV delimitava espaços e corpos a partir de critérios raciais. (...) As marcas da herança escravista passeavam por um lado da praça e da calçada, enquanto as elites figuravam nas calçadas do outro lado... (Cardoso; Rascke, 2016, p. 116-117).

Ou seja, tendo sido um clube que se orgulha de em as suas origens vincular-se à população negra do bairro da Figueira, o Figueirense passou a ligar sua imagem a um

9. A figueira em questão, nascida em 1871, é patrimônio cultural para a cidade. Ela foi transplantada para a Praça XV de Novembro aos 20 anos de idade, onde permanece até hoje.

10. É a praça mais famosa da cidade, existindo desde o período colonial. Ela se situa onde Nossa Senhora do Desterro (antigo nome de Florianópolis) foi fundada. Até os dias atuais ela é um ponto de grande circulação de pessoas e de mercadorias.

11. É interessante salientar que o bairro possui esse nome não devido à figueira da Praça XV de Novembro, mas sim à outra árvore que cresceu num morro existente atrás do atual Posto Rita Maria, que já foi uma pedreira, e onde agora existem dois grandes edifícios residenciais” (Culleton, 2020).

ambiente historicamente segregacionista, a Praça XV de Novembro, berço da grande figueira da qual o novo escudo parece remeter. A contradição se impõe.

Anos adiante, nas décadas de 1980-90, refletindo o cenário econômico e futebolístico em âmbito nacional, o Figueirense enfrentou grave crise financeira, tendo flertado, inclusive, com o encerramento das atividades (Silva, 2019, p. 39-40). Esse cenário de penúria dos alvinegros muda quando, em 1999, o clube passa por um processo de *empresarização*, responsável por devolver a competitividade que durante tanto tempo faltou ao time. Tal movimento possibilitou que o clube retornasse à elite do futebol brasileiro. Nesse processo de relativa prosperidade futebolística e financeira, o Figueirense angariou novos admiradores que passaram a frequentar o estádio e consumir em suas lojas. Todavia, apesar dos benefícios, a *empresarização* acabou fazendo com que o desempenho do clube passasse a ser visto como um produto e, o torcedor, por sua vez, como um cliente. Referindo-se não ao deslocamento específico do Figueirense, mas em análise que cabe para o caso, Ronaldo Helal e Cesar Gordon Jr. (2014) afirmam que

A transformação do futebol num produto, numa questão de *business*, portanto, ratifica sua dissociação com domínios mais totalizantes, e o mergulha num meio em que passa a fazer parte de uma miríade de produtos de entretenimento (e de consumo) no meio de tantos outros (com a difusão das redes de televisão, o aumento da produção de mídia) disponíveis no mercado (p. 51-52).

Diante disso, é evidente que a relação de pertencimento do torcedor para com seu clube de coração muda. O fã passa a ir ao estádio não mais por pura e simples paixão, isto é, porque se sente parte daquilo, mas sim para prestigiar um evento, um espetáculo e, caso o “produto” venha a não satisfazer às suas exigências, a consequência será que ele, como “consumidor”, deixará de comprar a mercadoria em questão. No caso do Figueirense, o cenário não foi diferente:

(...) ao imprimir uma gestão sob o domínio da lógica mercantil, mesmo considerando o torcedor como principal cliente e o futebol seu produto mais importante, [o Figueirense] pareceu demonstrar em determinados momentos um esquecimento das essências que movem a paixão do torcedor e que o fazem permanecer fiel ao seu clube de coração. (Silva, 2019, p. 55).

Três anos após o início do processo de *empresarização*, em 2002, foi criada a “Figueirinha”, uma mascote que representa uma figueira, contribuindo ainda mais para a controversa associação do clube com a figueira da Praça XV de Novembro. Em 2012, ela foi substituída pelo “Furacão”, um dos apelidos do time, datado dos anos 1950, quando passou a ser conhecido como o “Furacão do Estreito”. Em contrapartida, nos veículos de informação locais é notável a utilização de um personagem negro para a represen-

tação do Figueirense, atribuindo novamente ao clube as raízes do bairro da Figueira, e desvinculando-o do viés apagador que as mascotes recentes representavam (Messa; Pires, 2012; Cardoso; Rascke, 2016).

Atravessando a ponte Hercílio Luz até a porção insular da cidade, também podemos verificar as contradições oriundas das tradições inventadas sobre o Avaí. Nos mais de 50 anos (1930-1983) nos quais os azurra sediaram seus jogos no Estádio Adolfo Konder, com capacidade para poucos milhares de pessoas, o clube angariou muitos simpatizantes advindos dos complexos comunitários do Maciço do Morro da Cruz, nas beiradas do elitizado centro de Florianópolis, sobretudo após a migração do Figueirense ao bairro do Estreito.¹² Devido à proximidade do Adolfo Konder com as comunidades que margeavam o centro, o Avaí desenvolveu íntima ligação com elas, cujos habitantes desciam o morro para contemplar as partidas do “Leão da Ilha”. Esse apelido, inclusive, foi cunhado pelo torcedor Olímpio Silva, morador do Morro do Céu.¹³ Na década de 1970, o apelido seria eternizado no hino do clube: “Avaí, meu Avaí/ Da Ilha, és o Leão” (Klüser; Matos; Diamantaras, 2014., p. 79).

Por conseguinte, apesar de possuir seu nome atrelado às elites, durante as primeiras décadas de sua existência o Avaí cresceu como clube contando com a presença de admiradores dos mais diversos extratos sociais, que frequentavam o Estádio Adolfo Konder a fim de prestigiar os *matches* da equipe. Posteriormente, o território onde se localizava o estádio passou por gradativa elitização, principalmente graças aos avanços da especulação imobiliária na região, processo no qual o aterro da Avenida Beira-mar Norte desempenhara, anos antes, um papel importante. A valorização da área em nada afetou a relação dos segmentos populares do Centro com o Avaí, no entanto, o cenário passa a mudar a partir do final da década de 1970, quando por meio de um acordo junto ao consórcio Kobrasol (formado pelas empresas Koerich, Brasil Pinho e Cassol), ocorre a permuta do valioso terreno que delineava o “Pasto de Bode” por outro estádio, muito mais moderno, no bairro Carianos, na região Sul da Ilha de Santa Catarina.

O Leão permaneceu sediando seus jogos no já acanhado Adolfo Konder até 1983, ano em que o acordo é concretizado, e o Avaí recebe como sua nova casa o moderno Estádio Aderbal Ramos da Silva (a popular “Ressacada”).¹⁴ Apesar do estádio ter sido

12. Após a mudança, impôs-se uma evidente divisão entre os torcedores de ambos os times: os habitantes da região metropolitana e da parte continental tendiam a desenvolver sentimentos de afeto pelo Figueirense, enquanto os habitantes da parte insular de Florianópolis, optavam por torcer pelo Avaí.

13. “Na década de 70, assíduo frequentador do Estádio Adolfo Konder, onde o Avaí mandava seus jogos, e ele morava praticamente ao lado, no Morro do Céu, teve a ideia de caracterizar a garra azurra, chamando o Avaí de Leão da Ilha.” (Ribeiro, 2019, [s.p.]).

14. O apelido “Ressacada” faz alusão ao “termo utilizado na geografia para designar áreas de planícies alagáveis, como era o terreno onde foi construída a nova casa do Leão da Ilha” (Matos, 2020b, [s.p.]).

construído próximo ao aeroporto de Florianópolis, tratava-se de um local distante dos bairros mais populosos da cidade. Havia, ademais, apenas uma via de acesso até a nova sede, o que gerava grandes dificuldades ao acesso. Vale ressaltar que na época da mudança, o Carianos (assim como a maior parte dos bairros afastados do Centro de Florianópolis) era predominantemente rural, em região pantanosa muito distante da elitizada Avenida Beira-mar Norte. Sobre isso o historiador Felipe Matos (2020b) afirma:

De uma área nobre e de fácil acesso no Centro da cidade, os jogos passaram a ser realizados a cerca de quinze quilômetros do antigo campo, numa planície alagadiça circundada por um mangue, no coração de bairros como Carianos, Costeira do Pirajubaé, Rio Tavares e Tapera, áreas em que viviam populações tradicionais de pescadores, comerciários, alguma classe média e funcionários públicos, mas pouco frequentadas pela elite urbana da capital, a não ser como local de passagem, pois estão no caminho para a região sul da ilha e para o Aeroporto Hercílio Luz, vizinho ao estádio (Matos, 2020b, [s.p.]).

Ele complementa alegando que isso ocorreu devido aos dirigentes identificarem o Carianos como um local de valorização à medida que se acelerasse a urbanização de Florianópolis – a presença do aeroporto nas proximidades também era um fator que impulsionaria tal valorização. Todavia, a “modernização” tardou a chegar, uma vez que as obras para a duplicação das vias de acesso à Ressacada só iniciaram no fim dos anos 1990, tendo sido aprimoradas no ano de 2020 (Matos, 2020b, [s.p.]). No entanto, apesar das melhorias nas rodovias, os engarrafamentos ainda são uma constante na vida dos torcedores que frequentam o estádio, por conta das poucas opções de estradas, principalmente no momento de deixar o local. Justamente devido às excentricidades proporcionadas pelas características insulares da região, faltam vias para tantos veículos. Sobre isso, Alexandre Vaz (2020) ressalta:

Na década de 1950, Florianópolis começa a se verticalizar com a construção de prédios. Na década de 1970 há uma nova expansão, que vai na direção da UFSC (a Universidade Federal), da Eletrosul, enfim... vários bairros rurais, como era o caso da Trindade [onde se localiza a UFSC], se tornam bairros urbanos. É nesse contexto que o estádio do Avaí sai de uma área absolutamente valorizada, que é o primeiro shopping da ilha, o Beira-mar Shopping, e vai para a Ressacada, que era também uma área muito rural naquele momento, uma área de mangue, mas lá se torna um estádio de elite (Vaz, 2020, [s.p.]).

Diante do exposto, podemos evidenciar uma contradição na história do clube azurra: outrora um clube criado por um próspero comerciante local, sediava suas partidas no Adolfo Konder, um estádio que se tornou, ao longo dos anos, acanhado; localizado na área mais valorizada da cidade, possibilitava, no entanto, o acesso dos mais

diversos públicos às suas instalações, inclusive pessoas dos complexos habitacionais que margeavam a região central de Florianópolis. Por outro lado, a partir da mudança para o Estádio da Ressacada, inserido num bairro considerado “popular”, sobre o “mangue” (Carianos), o acesso aos jogos pareceu cada vez estar restrito aos mais privilegiados financeiramente, seja devido à dificuldade para o acesso ao estádio, seja pelo valor dos ingressos, que encareceram ao longo dos anos. Vaz (2020) complementa:

Então existe uma contradição interessante aí: quando se situava em um bairro central, era um estádio que atendia o Morro da Caixa D’água, que recebia um público muito popular. Inclusive, vários jogadores do Avaí saíram dali. Agora, o estádio vai para um bairro muito afastado e se transforma em um lugar de elite. É muito difícil, por exemplo, chegar na Ressacada de ônibus. Sair, então nem pensar (Vaz, 2020, [s.p.]).

Thalita Neves (2023) discorreu sobre as atribuições de “clube do povo” e “clube de elite” a várias rivalidades regionais no país. Sobre o confronto Avaí e Figueirense, sob a luz das contradições observadas ao longo do percurso empírico de sua pesquisa, a autora afirma que “a construção desses estereótipos de povo e elite – ou continente e ilha – por vezes deturpa a história dos clubes e perpetua trajetórias que não mais condizem com o contexto atual das agremiações” (p. 141).

Consonante a isso, Matos (2020b) afirma algo semelhante:

Eu não tenho dúvidas de que a origem do Figueirense é muito mais popular do que a origem do Avaí. O Avaí surgiu em 1923 como um grupo de jovens filhos da classe média, estudantes do Colégio Catarinense, que é o colégio das elites da cidade. [...] Mas a questão é: até quando o Figueirense foi popular? E por que o Avaí é considerado um time de elite mesmo quando o pessoal do Morro do Céu fazia história jogando pelo clube? [...] Até hoje, há muitas famílias tradicionais de Florianópolis que compram esse discurso estereotipado. Mas, ao longo de sua história, o Avaí não pode ser considerado um time de elite – pelo menos não o Avaí de muita gente da Costeira, do mangue, do Morro da Caixa, do Morro do Céu. Eu não gosto desse estereótipo porque ele apaga a história e a trajetória de muita gente que fez o Avaí ser o que o Avaí é hoje. É uma polarização que não me agrada e que eu não compartilho (Matos, 2020b, [s.p.]).

Matos (2020b) reconhece a origem mais popular do Figueirense, em comparação à do Avaí. Porém, problematiza a “continuidade artificial” que a atribuição de “clube de elite” estabelece com o Leão da Ilha, uma vez que indivíduos dos mais diversos extratos sociais participaram da sua constituição. Segundo o pesquisador “Ele [o Avaí] é um time muito mais plural, muito mais complexo do que esses estereótipos que se perpetuam”, ao mesmo tempo que se refere à pecha de “clube de elite” para o Avaí como um “uso do passado” (Matos, 2020b, [s.p.]).

Sobre os usos do passado, o historiador Fernando Nicolazzi, em entrevista a Marques (2021), afirma que “a relação com o presente é uma das principais características dos usos políticos do passado. Ou seja, o foco desse campo de pesquisa está nas escolhas dos distintos grupos sociais ao lembrar, dialogar e representar elementos pretéritos” (Marques, 2021, [s.p.]). Portanto, pode-se esperar que os usos do passado componham a invenção das tradições, pois utilizam de elementos do pretérito, ligando-os a ações no presente, com a intenção de justificar atitudes que representem algo importante num determinado contexto.

Ainda sobre as contradições nas atribuições de “clube de elite” e “clube do povo”, vale ressaltar que tanto o Estádio Orlando Scarpelli quanto a Ressacada eram dotados de setores populares, as “gerais”¹⁵, onde os torcedores acompanhavam o jogo em pé, no mesmo nível do gramado, pagando pelos ingressos valores muito mais baixos que os praticados nas arquibancadas e cadeiras numeradas. Os estádios não contavam com camarotes. Neste sentido, ambos os clubes sofreram com o fenômeno da modernização das praças esportivas, com o qual houve a implantação de assentos em todos os setores, ocasionando numa série de consequências, como a diminuição do número de torcedores presentes. Sobre esse fenômeno, aferimos que:

as práticas administrativas mudaram e os clubes adotam mecanismos de gestão que aprofundam sua dependência de empresários, patrocinadores e parceiros, bem como obrigam-se a operações de venda de seus direitos de imagem para empresas de comunicação e renovam seus estádios para atrair um público que exige mais conforto, o que aumentou sobremaneira os custos e tende a selecionar os torcedores capazes de arcar com preços de ingresso mais caros (Klüser; Matos; Diamantaras, 2014, p. 9).

Ao passo que se aumentava o conforto para o prestígio do “espetáculo”, o preço dos ingressos subia, contribuindo para uma certa gentrificação dos espaços, também na intenção de diminuir a grande onda de violência que permeou o futebol brasileiro na década de 1990, período no qual parte importante dos estádios do país passou por este processo. Sobre esse assunto, Arlei Damo (2018) afirma que

Este tipo de posição raramente é explicitada, mas o discurso em prol do conforto e da segurança não veio acompanhado da ideia de direitos ou de cidadania, mas da majoração dos preços – afinal, teríamos agora um espetáculo de “alto nível”. As “gerais” passaram a ser rotuladas como uma ameaça, e não

15. No Orlando Scarpelli, esse setor era chamado de “Coloninha”, fazendo alusão ao bairro da Coloninha, que fica nas imediações do estádio. O mesmo ocorria na Ressacada, com o setor popular sendo apelidado de “Costeirinha”, fazendo referência à Costeira do Pirajubaé, bairro essencialmente residencial e que dá acesso ao Carianos, onde se localiza a Ressacada.

como um espaço dinâmico e criativo. Aquela gente tão próxima do campo, à espreita de uma oportunidade para invadi-lo, haveria de ser civilizada; ou removida, como de fato aconteceu. Aliás, as “gerais” também se caracterizavam pela ausência de consumo ou por um gasto de coisas bastardas – as camisetas compradas dos camelôs, a cachaça trazida na garrafa de água mineral, etc – e não podendo expropriar ainda mais esta gente – não por escrúpulo moral, mas por impossibilidade econômica mesmo – a solução mais simples e eficaz foi eliminá-la sumariamente (Damo, 2018, [s.p.]).

Foi neste cenário que a “geral” do Figueirense, a “Coloninha”, deixou de existir no ano 2000, dando lugar a um corredor de circulação (Silva, 2019, p. 57).

Um estádio abarrotado de torcedores seria algo impossível atualmente, sobretudo após a promulgação do Estatuto de Defesa do Torcedor, que teve como um de seus mandatos a obrigatoriedade de mais segurança e comodidade ao espectador, sustentando a extinção das “gerais” dos estádios.¹⁶ Todavia, esse processo ocorreu por meio de certa restrição às camadas populares em sua presença nos estádios, consideradas culpadas pelas ondas de violência que assolaram o futebol brasileiro na década de 1990. Desta maneira, e como já foi sugerido, com a instalação de cadeiras nos setores populares, houve o encarecimento dos ingressos, acarretando na gradativa gentrificação dos estádios ao longo dos anos 2000, podendo aos poucos o direito das camadas populares de frequentarem as praças esportivas (Amaral; Barros, 2022, [s.p.]).¹⁷ Eis, portanto, outra contradição a ser refletida na dicotomia “clube do povo” e “clube de elite” no futebol florianopolitano. Sobre isso, Felipe Matos (2020b) ressalta:

De 1983 até meados dos anos 90, o Avaí tinha um estádio bom, moderno, mas ainda acessível, porque tinha o setor da Costeirinha. Esse setor é equivalente a geral nos demais estádios brasileiros, onde os torcedores assistem aos jogos em pé. Quando chovia, os torcedores da arquibancada descoberta abriam o portão e iam lá para dentro da parte coberta. Havia essas coisas do tipo ‘somos todos avaianos, está chovendo, se não pode pagar, entra aqui’. Porém, isso vai mudando aos poucos. O ponto de ruptura é quando o Avaí consegue o acesso à Série A em 2008 e fazem uma reforma na Ressacada. O estádio realmente ficou muito bonito, mas começou a ter uma certa gentrificação, tornando-se menos acessível. Por exemplo: agora, se começa a chover, eles fecham o portão, não deixam mais passar para a parte coberta porque tem a setorização.

16. Lei nº 10.671, de 15 de maio de 2003, estabelece normas a serem cumpridas pelas instituições que organizam os eventos esportivos sob o intuito de preservar a integridade física dos torcedores, ao mesmo tempo em que define algumas condutas violentas dos torcedores, dentro e fora dos estádios, como criminosas. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.671compilado.htm. Acesso em: 23 jun. 2024.

17. No contexto da Copa do Mundo de 2014, sediada no Brasil, a exclusão das classes populares das imponentes arenas se intensificou. No entanto, a violência intramuros e nos arredores ainda está longe do fim, colocando em cheque a eficácia dessa exclusão.

Os ingressos se tornam mais caros, o torcedor começa a ser visto como um cliente, o futebol torna-se um produto, o preço da associação aumenta. As Costeirinhas – setor popular – não existem mais. (...) Começou a ter um nível de desinteresse daquele torcedor que sofreu tantos anos com o Avaí nas Séries C e B e, quando o clube chega na Série A, esse torcedor não pode mais assistir ao seu time porque está caro (Matos, 2020b, [s.p.]).

Por meio da fala de Matos (2020b), podemos supor, então, que o “Leão da Ilha” passou por desdobramentos semelhantes aos do rival continental, gerando um impacto inevitável no sentimento daqueles torcedores ditos “tradicionais”, movidos pela paixão, substituídos agora pelos “clientes”.

Considerando as tradições inventadas, seria como se as classes populares estivessem distantes do Avaí desde seus primórdios. O oposto ocorreria com o Figueirense, cuja narrativa soa como se o clube nunca tivesse ligação com as elites da cidade ou do estado. A “continuidade artificial”, descrita por Hobsbawm (2017, p. 8), que trata das tradições inventadas como “reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória” faz todo o sentido nessa reflexão.

Não menos interessante é a maneira pela qual os dois clubes relacionam-se com essas tradições sobre eles inventadas. O Figueirense abusa da alcunha, tornando-a marca de si: o slogan de “time do povo” foi estampado nas mangas da camiseta oficial da temporada de 2023. Além disso, podemos observar contínuas referências à suposta característica popular do clube em seu website e nas publicações oficiais em redes sociais. Por outro lado, o Avaí parece evitar a característica sobre ele atribuída, nunca tendo referido a si mesmo como “clube da elite”. No entanto, o simples fato de o Figueirense não hesitar em afirmar-se na condição de “clube do povo” infere o oposto ao rival citadino – ao outro –, contribuindo para a solidificação dessas tradições.

Em contrapartida, quando se trata das torcidas de ambos os clubes, os sentimentos estão em sincronia: um e outro reivindicam para si a condição de “time do povo”. Ademais, notabilizamos um comportamento uniforme, tanto da principal torcida organizada do Figueirense, a Gaviões Alvinegros, quanto de sua homóloga insular, a Mancha Azul, no que tange a algumas questões contemporâneas, como a organização de ações sociais e a adoção ao movimento “Foot-Ball Belongs to People”. Este se opôs, entre outras questões, à prática do futebol durante o período pandêmico de 2020 e à sua cada vez mais próxima transformação em entretenimento puramente televisivo. Colocaram-se, assim, em oposição aos dirigentes que privilegiariam o lucro acima de tudo, responsáveis por impor medidas que lesariam funcionários e torcedores de condição financeira inferior de ambos os clubes. Ao mesmo tempo, as

duas agremiações possuem torcidas femininas e “antifa”, que representam o clube nos estádios e em manifestações políticas.¹⁸

Diante de tudo o que foi exposto, apesar de ser atribuída ao Figueirense a alcunha de “clube do povo”, num cenário de acalorada rivalidade, como é a que ocorre em Florianópolis, as provocações ao adversário consistem em algo intrínseco à atmosfera das partidas, ainda mais num contexto de ânimos aflorados. Daí, é curioso o fato de que já ter acontecido situações em que torcedores do clube do Estreito, em tom depreciativo, se referiam ao Avaí como o “time do mangue”, fazendo alusão aos manguezais (terreno sob o qual está a Ressacada) como um território “sujo, fedido, infestado de mosquito e frequentado por gente pobre, que serve para ser valorizada apenas no campo do simbólico na figura idealizada do ‘manezinho da ilha’” (Matos, 2020a, [s.p.]).

O fato escancara outra contradição em meio às tradições inventadas que permeiam a cultura futebolística da cidade: trata-se do “time do povo” buscando inferiorizar o rival menosprezando o bairro onde sua “casa” estaria. Em contrapartida, não parece haver qualquer iniciativa do Avaí no que diz respeito à identificação com o mangue e seus habitantes, o que indica a falta de intenção do clube em vincular a sua imagem à área suburbana, o que seria fruto do processo de elitização que perpassa o futebol: “É como se o Avaí saltasse a Costeira, saltasse o Carianos e chegasse ao Centro, direto. Por isso, por não ter perfil de torcida, o clube vai tomando um perfil de camadas médias e vai se afastando do elemento popular” (Vaz, 2020, [s.p.]).

Conclusão

Um estereótipo precisa forjar uma ligação, mesmo que mínima – e frequentemente particularizada –, com a realidade empírica. O problema avança quando narrativas generalizadoras são endossadas por meio do jornalismo esportivo ou mesmo do senso comum, atribuindo aos dois clubes expoentes do município as alcunhas de “clube de elite” e “clube do povo”, ao mesmo tempo que contribuem por invisibilizar histórias que foram fundamentais na constituição de cada um.

As raízes populares do Figueirense são inegáveis. Trata-se de clube fundado na porção de maior concentração de afrodescendentes da cidade, o bairro da Figueira, e

18. Podemos afirmar que a “AvaíXonadas e a “Torcida Elas Alvinegra” exercem influência significativa em meio aos clubes que representam, uma vez que contam com um montante de 9.376 e 2.176 seguidores (em 29/09/2024), respectivamente, somando os números das redes sociais *Facebook* e *Instagram*. Já a “Antifa Avaiana” (1.200 seguidores no *Facebook*, na data acima), participa frequentemente de manifestações de cunho político e está consideravelmente mais consolidada que a ainda incipiente “Figueira Antifa”, que somente possui uma página com pouco menos de 200 seguidores no *X* (antigo *Twitter*). Ao mesmo tempo, a Gaviões Alvinegros por vezes também adota uma postura combativa em suas manifestações (Oliveira, 2023).

que posteriormente mudou sua sede ao Estreito, ganhando novos contornos de popularidade. No entanto, com a modernização do futebol no Brasil, as exigências para o desempenho no alto nível passaram a ser outras e, nesse cenário, é quase impossível um clube permanecer alheio aos braços de grandes empresários. Com o Figueirense não foi diferente, tendo a sua história intrinsecamente ligada a Orlando Scarpelli e, mais recentemente, a Paulo Prisco Paraíso. Ambos, que contribuíram para angariar visibilidade e prosperidade dentro dos gramados para os “gaviões”, foram decisivos no que tange à mudança na identidade do clube, de modo que cada vez menos ele permanecesse atrelado às suas origens populares e negras.

Em contrapartida, o Avaí sempre permaneceu, nas tradições inventadas, ligado às elites do estado, sendo o clube adotado pela oligarquia da família Ramos, e tendo as suas origens atreladas às classes privilegiadas que estudaram no Colégio Catarinense. Porém, essa narrativa acaba por invisibilizar a intensa participação das camadas populares na constituição do clube ao longo de sua história, principalmente enquanto se localizava na área mais elitizada da cidade, no antigo Estádio Adolfo Konder, tendo sido importante o entretenimento de grande parte dos habitantes dos morros ao redor da região central de Florianópolis. Sobre essas contradições, Felipe Matos (2020b) é categórico ao defender seu clube do coração, evidenciando as inúmeras contradições presentes nessas narrativas idealizadas:

Fala-se muito da oligarquia Ramos no Avaí, mas se o Avaí tinha os Ramos do PSD, o Figueirense tinha a UDN. Tinha Thomas Chaves de Cabral, tinha o Charles Edgard Moritz, tinha a família Ferrari, a família Galotti. São família populares? O Avaí tinha a família Amin, o Figueirense tinha a família Bornhausen. O Avaí tinha o João Salum, o Figueirense tinha o Orlando Scarpelli, que não era um comerciante pobre, afinal, foi ele quem doou o terreno onde foi construído o estádio. Enfim, são os usos do passado. Eu gostaria muito de ter um time que pudesse ser chamado de time do povo, mas eu não tenho essa cara de pau. Eu concordo que a origem do Figueirense é mais popular, mas o que eu não aceito é que o Avaí seja o time da elite. O Avaí não é o time da elite. (...) O pessoal que descia do Morro da Caixa e jogava no Avaí é da elite? O pessoal do Morro do Céu, que fez história jogando no Avaí, é da elite? O meu bisavô, funcionário auxiliar da prefeitura, que assistia ao jogo em pé na Costeirinha, torcia para o time da elite? Eu acho que não (Matos, 2020b, [s.p.]).

Com a modernização do futebol, ambos os clubes passaram por processos de elitização de seus estádios, dificultando o acesso às camadas populares devido ao alto custo dos ingressos. Ou seja, cada dia mais os torcedores tradicionais são substituídos pelos clientes, ao passo que as instituições procuram desvincular-se de suas origens populares, não reconhecendo o mangue e seus habitantes como um elemento primordial

na sua história, no caso do Avaí, ou, no caso do Figueirense, buscando a identificação com elementos que não dizem respeito às origens populares do clube como, por exemplo, o estabelecimento do vínculo com a figueira da Praça XV de Novembro, em detrimento da ligação com o bairro da Figueira.

No entanto, segundo a narrativa tradicional, reforçada pelo jornalismo esportivo, é como se as classes populares jamais tivessem se relacionado com a história do Avaí. O oposto ocorreria com o Figueirense, que sempre teria possuído a sua memória vinculada ao bairro da Figueira, fazendo jus às raízes negras, populares e operárias do clube (Neves, 2023, p.147-148). Todavia, a realidade parece ser mais complexa, sobretudo atualmente. O Avaí costuma ser, pejorativamente, chamado de time do mangue pelos torcedores do Figueirense, fazendo alusão ao território suburbano onde se localiza a Ressacada e, além disso, mesmo o próprio clube não parece reivindicar o território em questão, preferindo que sua imagem permaneça vinculada às áreas de maior prestígio da cidade.

Apesar das tradições inventadas, reforçadoras das evocações de time do povo e time de elite atribuídas, respectivamente, para Figueirense e Avaí, essa conotação não é absoluta, uma vez que a história de ambos está intimamente ligada tanto às camadas superiores, como às populares. Todavia, a relação de pertencimento e de identificação do torcedor com o clube tende a mudar com o constante processo de elitização dos estádios e clientelização dos simpatizantes, afastando, portanto, os clubes de suas raízes fundadoras de origem popular, no caso do Figueirense, ou dos históricos simpatizantes das classes subalternas oriundos do Maciço do Morro da Cruz, que o Avaí angariou enquanto mandava seus jogos no antigo Adolfo Konder, ou da Costeira, a partir de 1983. Paradoxalmente, essa narrativa continua viva, apesar de todas as suas contradições, fomentada pela ferosa oposição entre as duas agremiações que, separadas pela Ponte Hercílio Luz, constituem, na clássica rivalidade, elemento primordial na cultura de Florianópolis.

Referências

AMARAL, Luca; BARROS, Adriana de. Violência entre torcidas: problema assombra o futebol brasileiro desde a década de 90. **UOL**, 01 ago. 2022. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/esporte/noticias/2022/08/01/3887_violencia-entre-torcidas-problema-assombra-o-futebol-brasileiro-desde-a-decada-de-90.html. Acesso em: 23 jul. 2024.

AZEVEDO, Suyanne de. Afrânio propõe Sessão Comemorativa pelos 80 anos de anexação da parte Continental a Florianópolis. **Câmara Municipal de Florianópolis**. 2024. Disponível em: <https://www.cmf.sc.gov.br/imprensa/noticias/0/1/2024/5566#:~:text=No%20dia%201%20de%20janeiro,toda%20região%20Continental%20da%20cidade>. Acesso em: 15 jun. 2024.

BORGES, Elisa. **O Centro Cívico e Recreativo José Boiteux e sua atuação em Florianópolis na década de 1920**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 73. 2019.

CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octávio. **Côr e Mobilidade Social em Florianópolis: Aspectos das Relações Entre Negros e Brancos Numa Comunidade do Brasil Meridional**. São Paulo: Brasiliense, 1960. 386 p.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco; RASCHE, Karla Leandro. Figueirense. O bairro da Figueira e o nascimento de um clube. *In*: VAZ, Alexandre Fernandez; DALLABRIDA, Norberto (Org.). **O futebol em Santa Catarina: Histórias dos clubes (1910-2014)**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 17-45.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco; RASCHE, Karla Leandro. Cidadania e expectativas no bairro da Figueira: o surgimento do Figueirense Foot Ball Club (Florianópolis/SC, 1921-1951). **Vozes, Pretérito & Devir**, Piauí, v. 5, n. 1, p. 99-121, 2016.

CULLETON, Billy. O Bairro da Figueira, no Centro – O território negro, ao lado do antigo porto, onde nasceu o Figueirense. **Floripa Centro**. Disponível em: <https://floripacentro.com.br/bairro-da-figueira-no-centro-o-territorio-negro-ao-lado-do-antigo-porto-onde-nasceu-o-figueirense/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

DAMO, Arlei Sander. Arenização, selfies e curtição. **Ludopédio**, São Paulo, v. 105, n. 29, 2018.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Ed. 70, 2019.

FRANCO JR., Hilario. **A Dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GAY, Peter. **O cultivo do ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HELAL, Ronaldo; GORDON JR., Cesar. A crise do futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI. **Revista Eco-Pós**, [s.l.], v. 5, n. 1, 2009. DOI: 10.29146/eco-pos.v5i1.1155. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1155. Acesso em: 15 ago. 2024.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos impérios: 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

KLÜSER, Adalberto Jorge; MATOS, Felipe; DIAMANTARAS, Spyros Apóstolo. **O time da raça: almanaque de 90 anos do Avaí Futebol Club**. Blumenau, SC: Nova Letra, 2014.

MACHADO, Alessandra Pires. **Futebol na capital**: O Avahy Football Club em Seus Primeiros Anos. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 38. 2011.

MACHADO, Fábio. Ressacada, 40 anos; quem esteve na inauguração do estádio do Avaí, jamais esquece esta data. **ND Mais**, 2023. Disponível em: <https://ndmais.com.br/futebol/ressacada-40-anos-quem-esteve-na-inauguracao-do-estadio-do-avai-jamais-esquece-esta-data/>. Acesso em: 26 mai. 2024.

MARQUES, Thaís Pio. O que são “usos políticos do passado”, segundo este historiador. **Café História**. 30 jun. 2021. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/o-que-sao-usos-politicos-do-passado/>. Acesso em: 22 jun. 2024.

MATOS, Felipe. A Ressacada e o “time do mangue”: futebol e comunidade. **Ludopédio**. 2020a. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/a-ressacada-e-o-time-do-mangue/>. Acesso em: 28 maio 2024.

MATOS, Felipe. Ludopédio em Casa #30: Rivalidades Catarinenses: Avaí x Figueirense. **Ludopédio**. 2020b. Disponível em: https://youtu.be/67OIBT8_r_E. Acesso em: 26 mai. 2024.

MELO, Victor Andrade de. O mar e o remo no Rio de Janeiro do século XIX. **Esporte e Lazer**, [s.l.], v. 13, n. 23, p. 41-71, 1999.

MESSA, Fábio de Carvalho; PIRES, Giovani de Lorenzi. A trajetória do Avaí Futebol Clube no Campeonato Brasileiro 2009: leitura de charges jornalísticas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [s.l.], v. 34, n. 3, p. 589-613, set. 2012. FapUNIFESP (SciELO).

NEVES, Thalita. **Time do Povo versus Time da Elite**: “Disputa de Classes” e Construção de Estereótipos nas Narrativas de Rivalidades Clubísticas do Futebol Brasileiro. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 260. 2023.

OLIVEIRA, Alex Fernandes de. Origem do futebol na Inglaterra no Brasil. **RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 4, n. 13, p. 170-174, 24 nov. 2012.

OLIVEIRA, Tatiana. Movimento Antifa nas torcidas organizadas de SC. **Portal Brasil Criativo**. 2023. Disponível em: <https://portalbrasilcriativo.com.br/movimento-antifa-nas-torcidas-organizadas-de-sc/>. Acesso em: 29 set. 2024.

RIBEIRO, André Palma. Morre Olímpio Silva, Criador do Slogan Leão da Ilha. **Avaí F. C.** 15 fev. 2019. Disponível em: <https://avai.com.br/morre-olimpio-silva-criador-do-slogan-leao-da-ilha/>. Acesso em: 22 jun. 2024.

ROSA, André Luiz. **Da modernidade à fundação do Avahy Foot Ball Club**: A Relação do Clube com a Sociedade de Florianópolis da Década de 1920. 2003. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

SILVA, Jailson Gentil da. **Figueirense Futebol Clube (1999-2010)**: Da Identidade Popular à Mercantilização do Futebol. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 72. 2019.

VAZ, Alexandre. Ludopédio em Casa #30: Rivalidades Catarinenses: Avaí x Figueirense. **Portal Ludopédio**. 2020. Disponível em: https://youtu.be/67OIBT8_r_E. Acesso em: 26 maio 2024.

VAZ, Alexandre Fernandez; MACHADO, Alessandra Pires; INVERNIZZI, Lisandra. O jornal como plataforma pública: amadorismo, pedagogia corporal, retórica futebolísticas (Florianópolis, 1920-1930). **Avatares de La Comunicación y La Cultura**, Buenos Aires, n. 27, p. 1-14, 8 jun. 2024. Universidad de Buenos Aires. DOI: <http://dx.doi.org/10.62174/avatares.2024.9498>.

VIEIRA, Bruno Martins; BANDEIRA, Leonardo Martins; TRAJANO, Matheus Krein; CATUTI, Marco Antonio. A Produção de Territórios a Partir do Futebol. **PetGeo**, Florianópolis, v. 106, n. 12, p. 1-33, maio 2019. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/faed/documentos/INFORMATIVO_MAR_O__ABRIL_E_MAIO_2019_15693350486759_3027.pdf. Acesso em: 12 maio 2024.

ZANCA, Gabrielli. A prática do remo em Florianópolis: retratos de uma sociedade em busca da modernidade. **Revista Santa Catarina em História**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 30-38, 2008.

FONTES

ANTIFA AVAIANA. Florianópolis. **Facebook**: usuário do Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/antifaavaiana/?locale=pt_BR. Acesso em: 29 set. 2024.

AVAÍXONADAS. Florianópolis. **Facebook**: usuário do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/Avaixonadas/>. Acesso em: 29 set. 2024.

AVAÍXONADAS. Florianópolis. **Instagram**: @avaixonadas. Disponível em: <https://www.instagram.com/avaixonadas/>. Acesso em: 29 set. 2024.

ELAS ALVINEGRA. Florianópolis. **Instagram**: @elasalvinegra. Disponível em: <https://www.instagram.com/elasalvinegra/>. Acesso em: 29 set. 2024.

FIGUEIRA ANTIFA. X: @figueiraantifa. Disponível em: <https://twitter.com/figueiraantifa>. Acesso em: 29 set. 2024.

MARGARIDA, Trajano. Desporto. **República**. Florianópolis, 24 dez. 1921, p. 3.

TORCIDA ELAS ALVINEGRA. Florianópolis. **Facebook**: usuário do Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/p/Torcida-Elas-Alvinegra-100078748105408/?locale=pt_BR. Acesso em: 29 set. 2024.